

**As Angústias Impensáveis em Relação à
Angústia de Castração**

SANTOS, Eder Soares. As angústias Impensáveis em Relação à Angústia de Castração. Dissertação de Mestrado, Campinas/SP, IFCH – UNICAMP, 2001.

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo do conceito de angústias impensáveis de Winnicott e do conceito de angústia de castração de Freud. Trabalhamos com a idéia de que a teoria psicanalítica de Freud e de Winnicott constituem paradigmas diferentes. O resultado da distinção paradigmática entre as duas teorias psicanalíticas permitiu-nos a possibilidade de ler o conceito de angústia da psicanálise à luz da fenomenologia existencial de Martin Heidegger.

PALAVRAS-CHAVES: angústia, complexo de Édipo, amadurecimento, paradigma, fenomenologia existencial.

ABSTRACT

This work is a study of Winnicott's concept of unthinkable anxieties and Freud's concept of anxiety of castration. We work with the idea that Freud's and Winnicott's psychoanalytic theories represent paradigms which differ from each other. The result of the paradigmatic distinction between the two psychoanalytical theories allowed us to read the anxiety concept of psychoanalysis in the light of Martin Heidegger's existential phenomenology.

KEYWORDS: anxiety, Oedipus complex, maturation, paradigm, existential phenomenology

Sumário

Introdução	5
-------------------------	----------

Capítulo I	Erro! Indicador não definido.
-------------------------	--------------------------------------

1.1 - Angústia de castração e Complexo de Édipo	Erro! Indicador não definido.
1.1.1 - Psicanálise e Ciência: Desencontros	Erro! Indicador não definido.
1.1.2 - Paradigmas kuhnianos	Erro! Indicador não definido.
1.2 - Esboços para uma teoria da angústia	Erro! Indicador não definido.
1.2.1 - Angústia separada da neurastenia	Erro! Indicador não definido.
1.2.2 - Os sonhos e a angústia	Erro! Indicador não definido.
1.2.3 - Angústia de castração	Erro! Indicador não definido.
1.2.4 - Problemas Pulsionais	Erro! Indicador não definido.
1.2.5 - A força do ego	Erro! Indicador não definido.
1.2.6 - Neuroses: se angústia, então castração	Erro! Indicador não definido.
1.2.7 - Castração: perigo iminente	Erro! Indicador não definido.
1.3 - O complexo de Édipo como paradigma	Erro! Indicador não definido.

Capítulo II	Erro! Indicador não definido.
--------------------------	--------------------------------------

2 - As angústias impensáveis em Winnicott	Erro! Indicador não definido.
2.1 - Angústia e Nascimento	Erro! Indicador não definido.
2.2 - Cuidado: continuar-a-ser.....	Erro! Indicador não definido.
2.3 - Sentimento de culpa	Erro! Indicador não definido.
2.4 - Angústia: questão de confiabilidade	Erro! Indicador não definido.

Capítulo III	Erro! Indicador não definido.
---------------------------	--------------------------------------

3 - Winnicott e a ruptura com a universalidade do Complexo de Édipo.....	Erro! Indicador não definido.
3.1 - Sujeito lacunar.....	Erro! Indicador não definido.
3.2 - O Id e o Ego	Erro! Indicador não definido.
3.3 - Triebmensch.....	Erro! Indicador não definido.
3.4 - Concern	Erro! Indicador não definido.
3.5 - O Ego e o Id	Erro! Indicador não definido.
3.6 - Sujeito Integrado.....	Erro! Indicador não definido.
3.7 - Objetos Transicionais	Erro! Indicador não definido.
3.8 - Mudança de paradigma.....	Erro! Indicador não definido.
3.9 - Observações sobre a angústia de castração e as angústias impensáveis.....	Erro! Indicador não d
3.10 - Sumário	Erro! Indicador não definido.

Capítulo IV	Erro! Indicador não definido.
--------------------------	--------------------------------------

4 - O Conceito de Angústia no Pensamento Pós-metafísico.....	Erro! Indicador não definido.
4.1 - A abordagem metafísica de Freud	Erro! Indicador não definido.
4.2 - Menschsein: ser acontecente	Erro! Indicador não definido.
4.3 - Afinidades pós-metafísicas.....	Erro! Indicador não definido.

4.4 - O desvelar pela angústia**Erro! Indicador não definido.**

Considerações Finais**Erro! Indicador não definido.**

Bibliografia**Erro! Indicador não definido.**

INTRODUÇÃO

Esta introdução segue-se em forma de relato, simples e direto, da pesquisa que desenvolvemos neste trabalho de dissertação.

Esta dissertação se constitui de quatro capítulos, sendo nosso objetivo mostrar que esses capítulos formam um todo que diz respeito ao desenvolvimento de uma hipótese, qual seja: a possibilidade de ler o conceito de angústia da psicanálise à luz da fenomenologia existencial.

Trabalhamos com a idéia de que a teoria psicanalítica de Freud e de Winnicott constituem paradigmas diferentes. Utilizamos, para tanto, a noção de paradigma de Thomas Kuhn. Para abordarmos essa questão, focalizamos nossa atenção sobre o conceito de angústia, presente em ambos os autores acima mencionados. O resultado desta distinção paradigmática entre as duas teorias psicanalíticas, permitiu-nos aproximar o conceito de angústia da psicanálise e o da fenomenologia existencial de Martin Heidegger.

I

Procuramos desenvolver uma linha de raciocínio que nos levasse ao nosso objetivo final: poder fazer uma leitura fenomenológica existencial da questão da angústia. Ao contrário do esperado, não começamos a tratar diretamente o conceito de angústia em Freud para, em seguida, observarmos como ele é apresentado em Winnicott e, a partir de então, fazer uma aproximação com a filosofia heideggeriana.

Começamos, na verdade, por tentar mostrar qual a relação que a psicanálise tem com a ciência natural. Para que tal discussão pudesse ser conduzida, foi preciso assumir uma posição para o debate, isto é, ou assumíamos que a psicanálise é uma ciência e possui tal estatuto ou assumíamos o contrário.

Escolhemos o lado daqueles que acreditam que a psicanálise não é uma ciência natural e, para sustentar essa posição, tomamos como modelo ideal de ciência o da Física, este nos afirma que toda ciência deve ser capaz de dar provas e realizar demonstrações de suas descobertas sendo essas preditíveis e reproduzíveis. Defendemos

que na psicanálise, o que se apresenta é uma aparente cientificidade, uma vez que ela não cumpre com esse ideal de ciência cujo modelo é o da Física.

Num primeiro momento, assumir esse ponto de vista pareceu-nos inviabilizar todo o restante do trabalho, ainda por ser desenvolvido. Pois, se queríamos mostrar que a psicanálise de Freud e a de Winnicott constituíam paradigmas diferentes, então, deveríamos supor que a psicanálise é uma ciência, uma vez que a noção de paradigma em Kuhn pareceria se referir às disciplinas científicas, e não ao seu contrário.

Essa questão se resolveu de duas formas. Por um lado, examinando a noção de paradigma em Kuhn, percebemos que esta não se restringe necessária e estritamente à ciência e, por outro lado, como revela o próprio autor de *A Estrutura das Revoluções Científicas*, um paradigma é formado por um conjunto de pessoas que, de acordo com as exigências teóricas de uma especialidade, garantem a manutenção do paradigma através da resolução de quebra-cabeças e da formação de novos discípulos.

Desse modo, conseguimos voltar à linha de desenvolvimento de nossas idéias. Pois Freud, apesar de não ter conseguido fundamentar a psicanálise segundo o modelo ideal de ciência, conseguiu dar à psicanálise todos os aspectos de uma verdadeira disciplina científica. Isso quer dizer que, do ponto de vista da teoria kuhniana, podemos observar que a psicanálise possui uma matriz disciplinar que contém hipóteses teóricas, servindo de base para a resolução de problemas. A psicanálise resolve esses problemas a partir de problemas exemplares, sendo formada por componentes teóricos, tais como generalizações simbólicas, componentes ontológicos, componentes heurísticos e valores gerais e específicos que a constituem.

Todas essas questões acima apresentadas poderão ser melhor apreciadas no início do capítulo I. O importante é observar que a psicanálise encarna todos os requisitos apontados por Kuhn para ser uma ciência, mas não cumpre os requisitos formais para a sua fundamentação. Por isso, consideramos a psicanálise freudiana uma pseudo-ciência.

De posse desse fio condutor que é a noção de paradigma, pudemos adentrar na questão da angústia em Freud. Nosso objetivo era o estudo do conceito de angústia de castração, porém, não poderíamos discuti-lo sem tomar como ponto de partida a primeira teoria de angústia em Freud, e tampouco, poderíamos deixar de lado a questão

do complexo de Édipo, pois ela é de suma importância em toda a teoria freudiana da psicanálise. Para nós, é este complexo que constitui o paradigma da psicanálise de Freud.

Desde 1895 o tema da angústia já preocupava Freud. Nessa data ele esboçou sua primeira teoria de angústia, tendo esta permanecido até o surgimento da segunda tópica do aparelho psíquico. Essa mudança é marcadamente clara na obra *Inibições, Sintomas e Angústia* de 1924.

A primeira teoria propunha que a angústia era produzida por um acúmulo de tensão sexual que, ou foi descarregada de forma inadequada, ou não foi nem mesmo descarregada.

Freud procurou desenvolver essa teoria em seus vários aspectos, como a angústia no sonho. Porém, ela foi melhor apresentada em relação às fobias. Na *Conferência XXV* (1915-16), Freud manteve esse seu mesmo ponto de vista com relação ao conceito de angústia, apenas precisando-o melhor. Assim, ele introduziu a idéia de uma angústia realística e uma angústia neurótica e, também, a idéia de que um evento primevo representou uma ameaça de perigo, gerando angústia.

Porém, sua preocupação era com a angústia neurótica, já que o que era temido na angústia realística era um perigo externo sobre o qual se tinha consciência. Freud queria saber o que era temido na angústia neurótica. Nessa época ele acreditava que o que era temido era a própria libido do sujeito que, de algum modo, tornou-se não-utilizável e também considerava, nessa época, que a angústia surgiria durante o processo de repressão.

A segunda teoria definitiva em sua obra apresenta o ego como a sede real da angústia, podendo só ele produzir e sentir angústia. A angústia vai ser um sinal que anuncia um perigo relacionado a uma ameaça de perigo externo (angústia realística) e que se liga a um perigo interno. Esse perigo externo é a castração que provoca angústia frente às exigências da libido. Vindo de fora esse perigo só é uma ameaça porque a criança acredita nele quer por motivos culturais quer filogenéticos.

Essa angústia de castração está ligada, claramente, à fase em que o menino está passando por seu complexo de Édipo. É com a destruição desse complexo que o menino

poderá eliminar esse seu medo de ser castrado pelo seu rival - seu pai - porque ele (o menino) ama sua mãe. Tendo passado por essa fase, o menino segue para o período de latência. Freud não deixa muito claro o que se passa no caso das meninas, uma vez que elas já seriam “castradas”, porém ele adianta que suas angústias devem estar relacionadas à perda do amor.

Antes de passarmos para o segundo capítulo, ainda fizemos um rápido estudo da teoria do complexo de Édipo ao longo da obra de Freud, a fim de mostrar que esse complexo constitui o modelo exemplar do qual ele pôde derivar as suas outras concepções psicanalíticas. Procuramos mostrar que o complexo de Édipo constitui o paradigma exemplar da teoria freudiana e que, desde o início, quando Freud suspeitava da importância desse complexo, - até o final de sua obra quando já o considerava como o complexo central de sua teoria - ele nunca abriu mão da idéia de um tal complexo. A idéia do complexo de Édipo manteve-se firme, mesmo com a apresentação de uma nova tópica para o aparelho psíquico, momento a partir do qual muitas das suas concepções mudaram.

Dessa forma, tendo o nosso leitor acompanhado conosco como se desenvolveu o conceito de angústia em Freud e qual o paradigma sobre o qual ele se sustenta, seguimos em direção ao esclarecimento do que são as angústias impensáveis em Winnicott.

II

Tomando como base a teoria do amadurecimento de Winnicott para o estudo do conceito de angústia em sua obra, vimos que a questão da angústia pode se impor ao ser que está surgindo, o bebê, desde o seu início. Dessa opinião também compartilhava Freud, que relacionava a angústia à ameaça de repetição de um evento primevo na experiência do indivíduo, isto é, acreditava que a angústia devia ter alguma relação com a experiência traumática do nascimento. No entanto, ao contrário de Freud, Winnicott não acredita que a angústia esteja ligada à experiência traumática do nascimento, pois, se assim acontecesse, não haveria angústia nas experiências de nascimento normal.

Para Winnicott, as angústias do início do existir humano estão ligadas ao continuar-a-ser do bebê. Esse continuar-a-ser é proporcionado pelo cuidado que a mãe (ou mãe substituta) provê ao seu bebê. Nesta fase, as angústias que o bebê pode sentir

são denominadas de impensáveis, pois não são definíveis em termos de relações pulsionais de objeto, não estão baseadas em relações representacionais de objeto, e porque se referem a um momento anterior ao início de qualquer capacidade relacionada a mecanismos mentais. Ao bebê que está surgindo só importa a sua continuidade existencial e é justamente essa continuidade que é atacada por essas angústias.

Essas angústias ocorrem quando a mãe falha de alguma forma no seu modo de lidar com o seu bebê. Isso provoca no bebê um sentimento de insegurança, isto é, o sentimento de não estar sendo mantido (*holding*) no tempo e no espaço. É importante notar que essas angústias não são derivadas de nenhum tipo de experiência pulsional. Elas dizem respeito ao ser do bebê, ao gradativo amadurecimento do seu existir.

Uma mãe suficientemente boa, que proporciona os cuidados adequados ao seu bebê, abre para este a possibilidade de sua integração como uma unidade, como um si mesmo (*self*). Isto significa que, através da confiabilidade no ambiente representado ainda nesse momento pela mãe o bebê chegou, gradualmente, à idéia de um si mesmo como uma pessoa com uma individualidade, isto é, ele alcançou a sua existência psicossomática. A partir dessa idéia de pessoa que possui um corpo desempenhando funções motoras e sensoriais é que o lactente pode diferenciar o que é um interior e um exterior, o que é “eu” e o que é “não eu”.

Como alguém integrado, o bebê pode passar a experimentar outros tipos de angústias, como as relacionadas ao sentimento de desintegração e, em fases posteriores do amadurecimento, angústias relacionadas às experiências pulsionais, como a angústia de castração.

Podemos, resumidamente, apresentar os passos seguidos no segundo capítulo desta forma: abordamos a questão da angústia e o nascimento. Observamos que Winnicott distingue entre experiência de nascimento normal e trauma nascimento. Este último tipo é o que mais nos chamou a atenção, pois o nascimento traumático quebra a continuidade existencial do bebê. Todavia, descobrimos que as angústias impensáveis estão relacionadas à questão do cuidado materno. Vimos que este tipo de cuidado é o que mantém o continuar-a-ser do bebê e que isto remete à questão da confiabilidade no ambiente. Através dessa confiabilidade o bebê pode, no seu gradativo processo de amadurecimento, chegar ao estágio de preocupação e ao sentimento de culpa, momento

este em que já deve haver um grau de amadurecimento e integração capaz de possibilitar à criança lidar com os seus sentimentos de amor e de ódio.

III

Após apresentar o conceito de angústia tanto em Freud como em Winnicott, procuramos mostrar que as suas teorias psicanalíticas constituem paradigmas diferentes. Assim, observamos que o fato de Winnicott não ter tomado o complexo de Édipo como o norteador de sua teoria psicanalítica fez, com que suas considerações teóricas assumissem perspectivas diferentes das de Freud.

Destacando alguns pontos nos quais esses autores se diferenciam no seu modo de abordar a psicanálise, por um lado, vemos Freud conceituar as pulsões como inerentes desde sempre na vida do indivíduo e, por outro, em Winnicott notamos que essas pulsões não são deixadas de lado. Porém, ao invés de serem inerentes, elas são, com o gradativo processo de amadurecimento, criadas e organizadas pelo bebê graças a presença da mãe que lhe provê cuidados necessários e adequados no momento apropriado.

Diferentemente de Freud, para quem o que surge primeiro na formação psíquica do indivíduo é o id e que as outras instâncias psíquicas seriam derivações deste, Winnicott acredita que, primeiro lugar, surge é uma estrutura organizada que ele chama de ego, sendo este, primeiramente, auxiliado pelo ego da mãe a fim de que o bebê possa estruturar o seu próprio ego.

Nesta fase em que o lactente já possui um ego estruturado, só há para ele objetos subjetivos, ou seja, aqueles objetos criados por ele. Um mundo exterior de objetos objetivos só vai existir através da possibilidade de existência de um espaço potencial, formado por objetos transicionais. Esses objetos, de forma gradativa e sem traumas, facilitam o contato do bebê com o mundo exterior e, desse modo, ele pode começar a diferenciar o seu mundo interior de um exterior.

Essa é a fase em que se pode dizer que o lactente atingiu o estágio do concernimento, ou seja, é o momento em que o sentimento de responsabilidade e o sentimento de culpa podem ser formados.

Isso quer dizer que, se tudo continuar a correr bem no processo de amadurecimento desse lactente, ele vai ser capaz de se tornar uma pessoa total (*whole person*), capaz de lidar com seus sentimentos de amor e ódio em relação às outras pessoas, igualmente totais. Consequentemente, podemos observar uma criança capaz de lidar com seus conflitos pulsionais e pronta para passar pela fase do complexo de Édipo e seguir adiante.

Todas essas questões são melhor trabalhadas no terceiro capítulo. Para esse relato introdutório, o que interessa notar é que, para se chegar a algo como o complexo de Édipo, algumas condições e conquistas exigidas pelo processo de amadurecimento precisam ser realizadas.

A partir destas distinções que procuramos destacar durante este terceiro capítulo, veremos que Freud estabeleceu, ao tomar o complexo de Édipo como seu problema exemplar, um paradigma de grande importância para a história da psicanálise. Todavia, percebemos que Winnicott procura outro paradigma para constituir a sua teoria: um paradigma baseado no existir do ser humano enquanto possibilidade de continuar-a-ser, através de um processo de amadurecimento contínuo e gradativo que culmina com a morte.

IV

O desenrolar da nossa linha de argumentação permitiu-nos mostrar que, tanto a teoria psicanalítica sobre o conceito de angústia de Freud como a de Winnicott, baseavam-se em pressupostos diferentes, ou melhor, sobre paradigmas diferentes. Estávamos, então, diante da possibilidade que vínhamos perseguindo durante todo o desenvolver da pesquisa que era a de poder fazer uma leitura do conceito de angústia da psicanálise à luz da fenomenologia existencial. Todavia, precisávamos antes esclarecer alguns pontos como saber de que forma a psicanálise de Freud se inseria na tradição filosófica; o que havia de importante na questão pelo sentido do ser, analisada por Heidegger, para a psicanálise; e quais afinidades poderiam existir entre o pensamento pós-metafísico de Heidegger e a psicanálise não metapsicológica de Winnicott. Porém, a questão principal a ser respondida era a de como abordar a questão da angústia, tanto ôntica como ontologicamente, na psicanálise.

Acreditamos que a resposta para essa última questão passa por uma interpretação

semântica que, por um lado, torna possível associar as angústias impensáveis de Winnicott com a angústia fundamental do existir humano aberta pela questão do sentido do ser e que, por outro lado, permite, através desse tipo de interpretação pensarmos a angústia de castração como uma forma de mascaramento de um tipo de angústia mais primordial (primordial no sentido de que vem primeiro), que é a angústia impensável.

Dessa forma, fizemos todo este percurso para chegarmos a uma forma de interpretação possível do conceito de angústia à luz da fenomenologia existencial.

Estamos, porém, conscientes das várias questões e dúvidas que este trabalho pode suscitar. Por isso, apresentaremos algumas dessas questões nas *Considerações Finais* dessa dissertação e ensaiaremos algumas respostas.